

Mito de Vênus e a Mulher Contemporânea

Marília Leocádio¹

Resumo A influência da Mitologia e da narrativa dos mitos sob nossa sociedade, nossa cultura e por consequência nossa subjetividade e cotidiano é incontestável. Desta forma, percebemos que os mitos e os arquétipos mitológicos são extremamente atuais e reeditados pela vida contemporânea constantemente. Tendo em vista este universo inconsciente, simbólico e arquetípico, o presente trabalho tem como objeto de estudo o Mito de Vênus e a Mulher Contemporânea, realizando uma revisão teórica acerca destes conceitos. Finalizando em uma análise de como esses Símbolos e Alegorias podem influenciar esta Mulher, buscando enfim a recuperação e ressignificação do Sagrado Feminino por meio deste Mito.

PALAVRAS CHAVE: Mitologia, Sagrado Feminino, Vênus.

¹ Graduanda no curso de Psicologia pelo Instituto Presbiteriano Mackenzie. Turma 1º semestre de 2016.

Quando se ignora a natureza dual da mulher e se julga a mulher pelo que ela apresenta ser, pode-se vir a ter uma grande surpresa, pois, quando a natureza primitiva da mulher emerge das profundezas e começa a se afirmar, é frequente que ela tenha interesses, sentimentos e ideias muito diferentes dos que manifestava antes – Clarissa P. Esteves em “Mulheres que correm com lobos.”

O presente artigo propõe articular o símbolo de Vênus e a Mulher Contemporânea em busca de re-alcancar o Sagrado Feminino e a Deusa Mãe, porém, antes de iniciar, gostaria de propor um questionamento e contextualização: o que é mito? O autor Marcos Aurélio (2011, p.2) nos diz que o termo mito vem do grego *mythos* e deriva de dois verbos: *mytheyo*, que significa contar, narrar, falar alguma coisa para os outros, e *mytheo* que quer dizer conversar, nomear, anunciar, designar. O mito seria portanto uma narrativa explicativa que é transmitida de maneira oral através das gerações, por pessoas mais velhas. Na Antiguidade era visto também como a única verdade aceitável, já que a ciência ainda não possuía nenhuma autoridade.

A psicanalista analítica e estudadora do tema, Marlena Segura Contera (2015) nos traz a seguinte definição:

A definição clássica de mito é que o mito é a narrativa. A palavra mito implica em uma narrativa, mas não uma narrativa qualquer, é arcaica e tem a origem em um momento sócio-histórico onde o homem começa a adquirir a consciência. O Pensamento Mítico, o Pensar de uma forma Mítica foi a primeira forma de pensamento de fato que nós temos, se situa no período paleolítico, neolítico as primeiras representações simbólicas ligadas às sepulturas, depois as pinturas rupestres e etc.

Esta forma de pensamento dá origem às narrativas que procuram organizar as grandes questões que mobilizavam o homem em histórias, de forma que eles pudessem compreender estas questões de alguma maneira, apreendendo a realidade. Essas narrativas míticas ajudam enormemente o homem a digerir a realidade mais profunda e complexamente, sendo uma porta de entrada para o universo simbólico.

Ainda segundo Contera (2015), os mitos têm cinco funções principais: Possibilitam o autoconhecimento; Possibilitam o conhecimento do mundo e dos outros; Desenvolvem a Alteridade²; Mostram e explicam a Complexidade dos fenômenos; Devolvem um encantamento e sentido à vida.

Apesar de todos os avanços tecnológicos e filosóficos que o homem trouxe consigo através dos séculos, os mitos continuam presentes vividamente em nosso inconsciente coletivo e em formas arquetípicas. Devemos entender a chamada “Lei da Cultura”, que acredita que toda a história da humanidade está viva em nosso inconsciente coletivo, sobrepondo-se até chegarmos na modernidade. Portanto, que “O que passou, não passou” e o homem paleolítico ainda está vivíssimo em nós, pois o passado nos constitui, sendo os mitos extremamente atuais e os arquétipos mitológicos eclodindo em diversos fenômenos sociais, políticos e individuais onde os mitos são reeditados e re-contextualizados pela vida contemporânea constantemente. Em um estudo baseado em Edna Levy, o autor Aurélio Lima (2011) nos explica os conceitos Junguianos de Inconsciente Coletivo, Arquétipos e Mitos nas sociedades:

Fundador da psicologia analítica, o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung criou a teoria do inconsciente coletivo, uma parte mais fundamental da psique humana que é comum a todos os homens, em todos os tempos e lugares, uma espécie de herança psicológica comum a toda humanidade. Aliado a isso, Jung explicou ainda que o inconsciente não contém somente componentes pessoais, mas também é formado por impessoalidades, em forma de categorias, os chamados arquétipos. Um arquétipo funciona como nosso programa básico, se expressando por meio de símbolos que se manifestam nos sonhos e nos mitos de todas as culturas. Os mitos são metáforas da nossa realidade interna mais profunda, revelam a natureza da alma. É como se fizéssemos uma comparação entre mitologias e chegássemos à conclusão de que as mesmas histórias narradas no Egito Antigo também eram contadas em tribos indígenas americanas, na mesma época. (LIMA, 2011, p.9)

² A alteridade é expressa em alguma situação, estado ou qualidade que se constitui através de relações de contraste, distinção, diferença entre o “Eu” e o “Outro”, a diferenciação entre Eu/Mundo.

Na concepção de Jung, a mitologia não poderia ser considerada apenas um objeto de curiosidade, a mitologia seria uma tentativa de integração de realidade e experiência. O mito nos permitiria compreender nossa existência, pois corresponde ao “local arquetípico gerenciador de emoções e sentimentos humanos” (CARDOSO, 2011).

Não devemos esquecer os mitos, devemos aproveitá-los e a essência narrativa de cada um deles para descrevermos os arquétipos presentes dentro de cada um de nós, sempre tendo em vista e tentando desvendar as intenções por detrás de cada mito:

O mito está vivo e cada vez mais cercado de possibilidades, seja em seu sentido original, posto como narrativa, ou denominando personalidades históricas que muito contribuíram para a formação de nossa identidade cultural, transmitindo legados e criando modelos de perfeição mundo afora [...] Apesar de vivenciá-las intensamente, é necessário entender essas narrativas em seu contexto original, na tentativa de compreender os motivos que as levaram a continuar em voga até a atualidade e estabelecer de que forma elas podem permanecer exercendo seu papel. (LIMA, 2011, p8)

É imprescindível, entretanto, a compreensão dos mitos pensando nos motivos pelos quais estes foram criados no passado, já que a ideia da mitologia não possui tempo ou espaço definidos e únicos, possuindo diversas variações e mudando conforme suas adaptações artísticas ou religiosas. Temos que ter em mente que a maior parte das histórias míticas vem da tradição oral, que facilita a distorção e rearranjos conforme o contexto da época em que é contado.

A própria imagem simbólica de Vênus é um exemplo destas variações e adaptações conforme o contexto sócio histórico da humanidade: Na obra “O Nascimento de Vênus” (Figura1), uma das obras mais conhecidas e admiradas no mundo da arte até hoje, temos a Vênus de Botticelli. Esta Vênus é a representação Renascentista do mito ³ da Deusa do amor e da beleza, pintada como uma idealização da

³ Sobre o Mito do Nascimento de Vênus: “Urano era pai de Kronos e tinha o estranho hábito de esconder seus filhos no útero de Géia, a Mãe Terra; mas Kronos destronou Urano com uma espada em forma de foice. Kronos devorou sucessivamente os seus filhos até que um deles, Zeus, por sua vez, castrou o pai e atirou seus órgãos genitais

tragédia Greco-Romana, precursora deste mito, com todos os ideais humanistas e renascentistas da época envolvidos.

Em um estudo profundo sobre a Obra de Virgílio, Eneida, o autor Spinelli (2009) relata como a Deusa Romana Vênus foi descrita desta vez. Segundo a análise do autor, Vênus era vista de diversas formas: a Musa inspiradora de cantos e histórias; a invocada para fertilizar e frutificar as palavras dos homens e os frutos da terra; a que derrama paz, luz e sabedoria a seus filhos e súditos; uma divindade protetora da família; a personificação das forças criadoras da Natureza; a responsável por ativar o ardor, de unir e festejar a fertilidade dos amantes, dos animais e dos campos; responsável pelos encontros destes amantes para que “se enlaçassem apaixonados”; cultivar a união e mistura, necessários para a fertilização reprodutiva; após a fertilização, cabia-lhe guiar a semente até o nascimento; Vênus também representa a personificação das forças criadoras e destruidoras da Natureza.

Todos os predicados inerentes a Vênus, quer à sua condição de mãe ou genitora (conceito que incorpora várias qualidades: o da dedicação, do desvelo, do cuidado, da ternura, da afeição, do mimo, do velar pelo destino de seu amado filho), quer a de musa (inspiradora do canto, da palavra e da poesia), quer de cupido (de provocadora da atração e do desejo, móvel das paixões e dos enlaces), quer de vulgívaga (de amante e de concubina), quer de fêmea (da mulher que quer amar e ser amada, acompanhar e ter companhia, receber e dar prazer, fertilizar e ser fertilizada)... todos esses predicados qualificam, de Vênus, os atributos de sua representação inquestionável: a do amor. Tanto do amor calmo, terno, afável e altruísta, quanto do amor efervescente, ou seja, do amor-paixão, que, ao mesmo tempo, é sábio e desajuizado. (SPINELLI, 2009, p. 16)

no mar. Da união dos genitais de Kronos e a Mãe Oceano, nasceu Afrodite. Neste mito, algo é despotencializado, mas a partir desta despotencialização surge o potencial para o amor. Tanto Urano como Kronos, enquanto pais que não permitem que seus filhos vivam e se tornem homens, representam um princípio que limita e deseja restringir o crescimento através de seu poder conservador, rígido e inflexível. É uma falsa espiritualidade, um tradicionalismo rígido, que impede para sempre o desenvolvimento no nível do potencial (útero). Essa é a força fálica, a energia agressiva masculina, que, em sua unilateralidade rígida, impede o desenvolvimento.” (WHITMONT, 2012 p. 99)

É intrigante observarmos como todas as personagens dos mitos representavam um princípio integrador e sagrado, que pode nos dizer muito acerca da natureza humana. O mito era narrado pelo homem antigo como elemento de “alto poder poético que reflete questões sobre o jogo simbólico” (SILVEIRA, 2008). No universo Mitológico tudo ganha vida e significar, desde as esfinges, quimeras, medusas, górgonas e por que não as Deusas?

Já as esculturas pré-históricas da “Vênus de Willendorf” (Figura 2) e “Vênus de Lespugue” (Figura 3), obviamente retratam o corpo feminino e suas atribuições sociais e culturais inerentes àquele contexto. Neste período paleolítico há um considerável número de representações e signos femininos, cujas formas sugerem simbolismos de fecundidade e gestação (estatuetas nuas com seios e ventre exagerados), que se propagam no neolítico, com as primeiras deusas mãe. Segundo Barros:

A grande incidência de esculturas de figuras femininas desde o Período Paleolítico até o século III a.C. contribui para que se explore não apenas a ideia de um possível “matriarcado”, mas também a presença de uma religiosidade que girava em torno de divindades preponderantemente femininas ou, como preferem alguns, esculturas que representavam *uma* “Grande Deusa”, pois se especula que os vários nomes a elas destinados, bem como as várias representações artísticas referiam-se a uma mesma deusa. (BARROS, 2013, p6)

Desta forma percebemos que cada época tem sua imagem e ideia da Grande Deusa, do Sagrado Feminino e de Vênus. Cada contexto tem sua representação mitológica do feminino, com sentidos diferentes. A Vênus representa uma identidade cultural, é tomada e transformada dentro dos contextos em que estiver passível de ressignificação de seus símbolos e representações, como nos confirma Fleck:

Ainda que as primeiras referências visuais da deusa mitológica, concebidas em um passado remoto, façam alusão a valores religiosos, morais ou históricos da época, suas mais novas significações podem tanto querer representar os mesmos valores do passado como podem apenas apropriar-se de

condições históricas contextualizadas para renovar seus significados (FLECK, 2010, p11)

Matricentrismo X Patriarcado

Retomemos a Antiguidade onde esta Grande Deusa tinha destaque nas crenças e rituais da humanidade. Há evidências de milhares de figuras e estatuetas que representam o corpo feminino de uma maneira semelhante, durante a chamada “Europa Antiga”, período de 6.500 a 2.500 aC. Estas imagens foram associadas a Divindades Femininas e sua proporção exagerada na representação dos seios, vulva, quadris, nádegas e ventre, provavelmente tendem a significar e enfatizar o papel de procriação, nutrição, sexualidade e o “mistério da vida” inerente a figura feminina, mostrando a tamanha importância que a mulher possuía naquela sociedade arcaica (BARROS, 2011). Essa Grande Deusa arcaica proporcionava uma relação profunda e íntima com a natureza, principalmente relacionadas à agricultura, colheita e caça. A fecundidade da mulher e da Deusa eram associadas à fecundidade da terra em si que fornecia os alimentos e a água necessários para a manutenção e propagação da vida. Para os nossos ancestrais, as mulheres se tornaram então responsáveis também pelo sucesso das colheitas já que partilhavam do “Mistério da Criação”.

Mas não é só no início da aventura humana que a Deusa se faz presente. A Grande Mãe do Paleolítico atravessa toda a chamada “revolução agrícola” para firmar, no período seguinte, sua adoração. O Neolítico é considerado um momento de grande prestígio do feminino, fato atestado pelo impressionante número de esculturas, gravuras e outras imagens representando imponentes personagens femininos, cujo poder e natureza divina se afirmam nitidamente (...)Realmente, adoração da Deusa e matrifocalidade parecem caminhar juntas. Caracterizado pelo surgimento da agricultura, o período Neolítico marca um momento de extrema valorização dos aspectos positivos da Grande-Deusa como deusa da fecundidade, criadora da vida e, pensam historiadores e arqueólogos, também da mulher vista como a criadora no âmbito do humano. (OLIVEIRA, 2005, p.3)

Em diversos rituais de plantação e fecundidade da terra á ser arraigada a presença da mulher era essencial, com ritos para mulheres grávidas, menstruadas, que amamentavam, virgens, etc. As fases do amadurecimento da mulher, seu ciclo menstrual e gestacional eram equiparados aos ciclos do plantio e colheita, os ciclos da lua e das marés. Este sincretismo real era muito melhor percebido e cultuado. “Neste complexo simbólico, tudo que toca à vida e, portanto, à riqueza, diz respeito à mulher” (OLIVEIRA, 2005).

Desse modo a Grande Mãe, as deusas, a lua, a terra com todos seus signos seriam representações deste princípio feminino primordial - um arquétipo - possivelmente fonte de padrões emocionais de nossos pensamentos, sentimentos, instintos e comportamentos. (MOURA, 2010, p3)

Diferentes termos são utilizados para denominar estas sociedades arcaicas: o *matriarcado* ou *matricêntrico*. O termo *matriarcado* é mais amplamente conhecido e empregado, entretanto o seu significado seria de fato “um governo feito pelas mães”, o que não creio que tenha acontecido. As mulheres eram muitíssimo importantes e essenciais na vida cotidiana e sagrada daqueles povos, mas não governavam de fato a população. É a famosa frase “Ela reina, mas não governa”. Desta forma, defendo o termo *matricêntrico*, cujo significado é “uma sociedade centrada na mulher, mas não necessariamente governada por elas” para caracterizar este período arcaico que estamos discutindo.

Ocorreu, entretanto, uma virada mítico-histórica, onde a estrutura e pensamentos Patriarcais dominaram a cultura:

A mudança de valores ocorreu em diferentes momentos. No caso das culturas situadas na região da velha Europa, o processo teve início por ocasião das primeiras invasões indo-europeias. Esses povos nômades trouxeram consigo uma nova ordem social dominada pelos homens e por deuses masculinos que se reflete no panorama mitológico e religioso. (OLIVEIRA, 2005, p.5)

Entre os séculos XII e XVIII a Igreja identificava nas mulheres, uma das formas do mal sobre a terra, quer na filosofia, quer na moral ou

na ética do período, a mulher era considerada um ninho de pecados. Os mistérios da filosofia feminina, ligados aos ciclos da Lua, ao mesmo tempo em que seduziam os homens, os repugnavam. O fluxo menstrual, os odores, o líquido amniótico, as expulsões do parto e as secreções de sua parceira os repeliam. Não demorou muito para que o imaginário masculino absorvesse a ideia de tomá-la como traiçoeira e venenosa, aquela que derramou sobre a terra o pecado, a infelicidade e a morte. Assim, em meio a uma atmosfera apocalíptica, os artistas em geral e particularmente os poetas europeus do final do século XIX viam no elemento feminino aspectos do demônio. Dalila, Cleópatra, Salomé, Eva ou Helena (de Tróia), tentadora ou devassa, degoladora ou castradora, todas elas incorporavam os mais variados estereótipos na mente deste ou daquele homem das letras, entendida sempre como o instrumento diabólico do infortúnio masculino.

Instaura-se então o Arquétipo Patriarcal, que despreza o símbolo, o inconsciente, o comum (de todos), a partilha, a magia, o inexplicado, a natureza sagrada. O Patriarcado chama a cultura e sociedades matricêntricas de pejorativamente de primitivas. Neste funcionamento, há a divisão e cisão do Bem x Mal, pecado e transgressão quando não se segue suas regras e crenças impõe.

O Arquétipo Patriarcal se manifesta em diversos momentos da história, desde a Antiguidade, quando ocorriam as guerras entre clãs para conquista de poder e território, na escravidão de mulheres e crianças, genocídio, estupro.

O nosso Ego opera ou no Arquétipo Patriarcal: Lei, ordem, objetivo, agressivo, individualista, possessivo, polarizado, ciência sistemática, concreto, cartesiano.

Ou no Arquétipo Matriarcal: subjetivo, contextual, união dos opostos, coletivo, simbólico, lunar, inconsciente, nutrição natural, cíclico, vida/morte.

Ou na união e equilíbrio dos dois opostos, que seria o Arquétipo da Alteridade, que só alcançamos com a evolução do nosso processo de individuação.

Contemporaneidade

No mundo pós-moderno com o advento da Globalização, somos impelidos a uma nova ordem social, que ultrapassa o Patriarcado clássico visto e imposto até então. Esse novo cenário promove a expansão dos vínculos e culturas antes nacionais e regionais para globais e internacionais, sem essa delimitação territorial tão importante no Patriarcal.

A informação e comunicação instantânea ao redor do mundo inova a estrutura de vida das mulheres e homens, independentemente de suas condições sociais. A identidade do indivíduo, masculino ou feminino não é mais vista como centrada e limitada, predefinida pelo seu gênero. Ao contrário, a identidade é aberta, incompleta, multiforme. Ela incorpora traços pessoais, culturais e contextuais tornando-se por natureza inconstante e mutável.

No mundo pós-moderno tecnológico a noção de sujeito se mistura com a do objeto. A interação com a máquina é tanta que se confunde o virtual e o real. Nesse mundo virtual o indivíduo pode construir a identidade que lhe for conveniente, correspondendo ou não com sua verdadeira *persona*, deixando de ser uma pessoa formada por uma história, de corpo e alma, para vestir e viver a grande maior parte do tempo uma *máscara*, vivendo em torno de um papel midiático.

O anonimato (quase) garantido, por vezes promove um movimento maior de denúncias e libertação de ideias e das mulheres de uma forma geral. No mundo virtual, muitas mulheres discutem, debatem e denunciam globalmente os temas que as afligem, formando grupos, “chats”, fóruns. Muitas atrocidades ainda acontecem contra as mulheres, entretanto quando expostas e reveladas, elas chocam e são reprovadas. Ponderando todo interesse midiático dos grandes veículos

de comunicação em faturar mais audiência e vendas com temas polêmicos, eu ainda considero esse “choque” e revolta da sociedade atual ao encarar estupros, mortes, tortura, escravidão, como uma evolução de nossa espécie no sentido de hoje sermos seres com maior compaixão, ao conseguirmos nos colocar no lugar do outro com maior facilidade, não banalizando estas condutas, como fazíamos á até pouco tempo atrás. Basta uma ida ou uma pesquisa sobre o “Museu da Tortura” na Alemanha, onde diversos equipamentos amplamente utilizados na Idade Média e até nas Guerras Mundiais são expostos. Sobre o uso das tecnologias para denunciar e debater temas globalmente, proporcionando a fala á mulheres e pessoas que talvez não possam fazê-lo em seu meio ambiente: esse eu considero um bom (ou ótimo) uso da globalização e viralização tecnológica.

Vieira (2005) nos traz Sharon Marcus que em um dos principais escritos sobre a violação feminina, defende que um essencial passo dos projetos anti-violação seria ampliar o conhecimento e a divulgação pública sobre essa temática, fato que com a globalização temos visto com muito mais frequência nos dias atuais. É a Vênus ou nossa Deusa Arquetípica se revelando e se defendendo de tantos ataques.

Entretanto, a maior parte das mulheres utiliza o mundo virtual (assim como os homens), como um escape do mundo real, buscando a aprovação social e, ao invés de denunciar e debater fenômenos culturais como a objetivação da mulher, utilizam-se destas redes sociais como ferramenta para justamente propagar este tipo de cultura, compartilhando cenas e imagens íntimas e privadas, machistas por muitas vezes, em troca de “likes”. Deste modo, esse espaço internáutico também pode cooperar com a fragmentação da verdadeira identidade da mulher contemporânea, submetendo-a de uma maneira mais atual, ao mesmo lugar de objeto, sem sentido, menosprezada que o Patriarcal a colocou.

Por conta de tanta repressão através da nossa história mais contemporânea pelo Patriarcado, as mulheres são atraídas agora pelo

mundo masculino, valorizando somente o cérebro e a mente, perdendo sua alma e tudo de mais complexo que o Matriarcal pode lhe oferecer. Seguem os valores do Patriarcado que se demonstra claramente na cultura econômica.

No seu Eu Interior, a mulher por natureza já domina o Ânima, intenso e profundo e agora parte para dominar o Ânimus, concreto. O Ânimus dá para a mulher a possibilidade de conquistar o mundo Patriarcal, ao mesmo tempo que a Ânima traz para o homem o contato com o inconsciente, processo muito mais difícil e complexo, já que para fazê-lo temos que passar por e elaborar nossa *sombra* pelo caminho, e isso assusta, dá medo e causa desconforto. O homem então se esquivava deste processo de busca de equilíbrio e introversão e segue a propagar a cultura do Patriarcado, e por vezes agride ainda mais ferozmente o Feminino inconsciente, mutável, simbólico, lunar, justamente por não ter conseguido atingi-lo e desenvolvê-lo em seu interior.

Desta forma, sinto que a mulher contemporânea (e o homem também de certa forma, pois estamos intimamente ligados) está sofrendo no seu inconsciente. Ao seguir enfrente como uma heroína na cultura propagada pelo Patriarcado pós-moderno, batalhando e tendo diversos papéis ao mesmo tempo (mãe, executiva, amante, dona de casa, etc), acaba em uma exaustão psíquica e biológica. Entretanto essa exaustão não é o pior: A mulher está menosprezando e aniquilando o Arquétipo Matriarcal e o Sagrado Feminino que mora dentro dela. A mulher contemporânea não tem tempo, não tem interesse e não tem conhecimento ou contato com a Deusa e sua potência interior venusiana.

É como promessa de futuro, que devemos agora retomar o passado. Devemos retomar e resgatar o simbolismo da Grande Deusa e a história das culturas matricêntricas como fonte de reflexão e inspiração para a mulher moderna. O símbolo e a vivência da Deusa, de Vênus, têm muito a oferecer àquelas que lutam para modificar o constante estado de desvalorização do poder feminino, das relações

persuasivas, da desconfiança da vontade e capacidade feminina (por exemplo em uma empresa, o sucesso de uma mulher é comumente associado á trapaças, sexo com superiores, e em último lugar a real capacidade desta). As mulheres que lutam para criar uma cultura nova, celebrando o poder, a vontade e seus vínculos, trazem à tona a Deusa como símbolo de força e poder feminino.

Embora a Deusa não seja o equivalente da mulher, no seu simbolismo encontra-se presente muito daquilo que constitui o mais profundo do ser feminino, o que permite às mulheres uma identificação mais imediata com o arquétipo. Através desse processo de identificação, aspectos de suas vidas ignorados, marginalizados ou evitados pelas religiões patriarcais são resgatados e elas se tornam aptas a compreender e reverenciar a sacralidade da sua vida e do seu corpo. (OLIVEIRA, 2005, p7)

Na atualidade nós dessacralizamos tudo. Não temos mais contato com a Deusa Inspiradora que nos traz a natureza. O desejo pelo sucesso fracassou o criativo, a inspiração interna, essa é uma das mais cruéis heranças que temos oriunda do Patriarcado Objetal.

Como saída, deveremos reconciliar a humanidade com a natureza, religar o interno e o externo, resgatando o Princípio Feminino. Isso não é um papel a ser desempenhado somente pela mulher. É uma tarefa de todos trazer a ressacralização das relações, da natureza, da alma. Buscar de volta a conexão com o Sagrado, com o Eu – Interior. Reconhecemo-nos como mulheres e homens filhos da Grande Mãe, da Deusa a fim de reformar a cultura consumista, egocêntrica e materialista que predomina nos últimos anos, reparando-a em todos os seus aspectos, não apenas no campo das relações de gênero.

Devemos por meio da vivência dos Arquétipos das Deusas, do Mito de Vênus, do reencontro com o Sagrado Feminino, propagar esta outra forma de viver em grupo, em sociedade, onde existe espaço para os ciclos, para o diferente, para o subjetivo, para a brincadeira, para o simbólico, para o inconsciente. Não somente para a violência, o domínio hierárquico, práticas justificadas em nome de divindades que excluem, julgam e punem. Repensar na humanidade baseada no controle ético e

moral já impostos. Esse é mais do que um desafio, é uma saída e um caminho em busca da Individuação e Alteridade, equilibrando o Ânima/Ânimus, Ying/Yang, Masculino/Feminino e toda a dualidade inerente á vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Ana Maria Leal. DEUSAS, BRUXAS E SERPENTES: AS FACES DO FEMININO NA FICÇÃO DE ALINA PAIM. In: ANAIS DO SILEL, f2011,Uberlândia. EDUFU, 2011. v. 2, p. 1 - 11.

LIMA, M. A. M. Cotidiano Fantástico: A Influência da Mitologia na Atualidade. UFMA, Maranhão, 2011

MITOLOGIA - Malena Segura Contrera. Realização de André Rodrigues. Intérpretes: Malena Segura Contera. [s.i.]: Jung na Pratica, 2015. On Line, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jWbWZYWWz3o>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

MOURA, Regina. Iconografias do feminino: Mitos, arte e outras representações. História, Imagem e Narrativas, Rio de Janeiro, v. 10, abr. 2010. Mensal.

SILVEIRA, Isabel Orestes. A imagem da mulher na pintura européia: interface com a mitologia. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, 2008, São Paulo.

SPINELLI, Miguel. LUCRÉCIO E VIRGÍLIO AS VÁRIAS FACES DE VÊNUS :: MUSA , GENITORA E VULGÍVAGA. Hypnos, São Paulo, v. 23, n. 23, p.258-277, jun. 2009. Semestral.

OLIVEIRA, Rosalira. Em nome da Mãe: O arquétipo da Deusa e sua manifestação nos dias atuais. Revista Ártemis, Paraíba, v. 3, dez. 2005. Mensal.

WHITMONT, C. Edward. A Busca do Símbolo: Conceitos Básicos de Psicologia Analítica. São Paulo, 8ª edição, 2014. Editora Cultrix, 301 páginas – Traduzido por ELIANE FITTIPALDI PEREIRA e KÁTIA MARIA ORGERG.